

Os artefatos em mármore como suporte de memória

The marble artifacts as memory support



Elaine Maria Tonini Bastianello

Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL); Membro do NPHTT (Núcleo de Pesquisa Histórica Tarcísio Taborda) e da ABEC (Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais).

elatonini@gmail.com

Resumo

A necessidade de reconhecimento e visibilidade para a valorização de bens culturais e patrimoniais é consequência de uma época de descartabilidade nos quais os valores se liquidificaram e a informação se digitalizou, quando o passado não possui visibilidade. Nesse contexto estudar os artefatos em mármore como suporte de memória do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé significa resgatar parte da memória da cidade. Examinar esse acervo funerário significa dar sentido para a história local, já que os monumentos tumulares ali edificadas são o registro de uma época, suporte da história desta cidade, merecedor de reconhecimento e visibilidade.

Palavras-chave: Patrimônio; bens culturais; monumentos tumulares; memória; rubricas.

Abstract:

The necessity of recognition and visibility so that we can value cultural and material heritage is a consequence of a time where everything is disposable, where values have melted away, information is digital and the past is invisible. In this context, studying the marble artifacts as a foundation of the memory of Santa Casa de Caridade de Bagé Cemetery means to rescue part of the city's memory. To exam this funerary asset means to give meaning to the local history because the funerary monuments built in the city are the register of the history of the city which deserves recognition and visibility.

Keywords: heritage; cultural goods; tomb monuments; memory; engrave.

Recebido para publicação em dezembro de 2010.
Aprovado para publicação em junho de 2011.

Os artefatos

Se olharmos a nossa volta, constatamos que vivemos rodeados de uma enorme quantidade de artefatos culturais, concebidos ao mesmo tempo com caráter funcional e simbólico. O mesmo ocorre com os elementos fúnebres que, ao longo da história, a sociedade produziu para expressar seus sentimentos diante da morte. São múltiplos os significados desses artefatos para os que aqui ficaram. A esse respeito, Orser¹ (1992, p. 98) comenta que todas as sociedades construíram objetos físicos para ajudá-las a sobreviver, a compreender o mundo em que vivem, a comunicar-se. Assim, a sociedade, ao dar sentido aos objetos, assegura que “todos os artefatos têm ‘vidas sociais’, já que são possuidores de importantes sentidos sociais e são usados de modos variados, para significarem coisas diversas, no decorrer de sua existência”.

A sociedade inventa objetos não apenas para se servir deles, mas para expressar seus sentimentos diante da vida, como diante da morte e, mais ainda, para expressar sua visão do momento histórico em que foram elaborados. Mesmo no espaço da morte, os artefatos cimiteriais não são isolados da vida, pois o estilo e estética seguem a ordem vigente.

Os inúmeros artefatos existentes na *Primeira Divisão do Cemitério da Santa*

*Casa de Caridade de Bagé/RS*² foram implantados dentro da lógica de uma sociedade moderna/sólida, cujas edificações foram tecidas para perpetuar a memória e a identidade do enterrado, e, ao mesmo tempo, para afirmar os valores sociais e culturais daqueles que o homenageiam por meio do túmulo que lhe é dedicado. Tais práticas diante da morte hoje estão em processo de diluição, face às novas atitudes da sociedade perante a morte, e a memória.

Ao compreender o cemitério como lugar de rememoração, por ele compensar o lugar de recusa do esquecimento do sepultado, passa-se a considerá-lo também uma tentativa para frear o tempo e, de certa maneira, imortalizar a morte. Desta forma, o monumento tumular oportuniza o direito à memória. Neste contexto, a memória se materializa nos artefatos cimiteriais inscritos nas sepulturas.

Com o fim de dar visibilidade a este universo laboral e artístico, procederemos ao estudo deste saber-fazer. Num primeiro momento, discorreremos sobre a concorrência das marmorarias. Na seqüência, passaremos a uma abordagem voltada à individualidade.

A concorrência das marmorarias

No Rio Grande do Sul, as marmorarias tiveram fundamental

Artefatos em mármore como suporte de memória

Elaine Maria Tonini Bastianello

importância na produção e comércio dos túmulos e seus artefatos. Através destas empresas, as famílias encomendavam seus túmulos.

No *Cemitério da Santa Casa de Caridade* de Bagé, encontramos vários exemplares tumulares assinados pela empresa de J. Santos Sobrinho, da cidade de Pelotas. Esta, ao referir-se à oferta de serviços, divulgava que dispunha de pessoal qualificado para executar excelentes trabalhos, como o escultor-marmorista José Martinez Lopes.

Neste modesto estabelecimento, já muito conhecido nesta cidade, executa-se qualquer trabalho em mármore, mausoléus, epitáfios, cruzes, anjos, medalhões, busto e toda espécie de ornamentos do mais apurado gosto e estilo moderno. Dispõe de hábeis artistas de primeira ordem, assim como do hábil escultor José Martinez, de reputação firmada, que executou em Porto Alegre os bustos dos doutores Barros Cassal e Sebastião Leão. Esta casa tem por divisa a exatidão de seus contratos e feição de seus trabalhos e preço baratíssimos (*Diário Popular*, 1907, p.80).

A estratégia para atrair clientes e vencer a concorrência, se valia da exaltação dos produtos e serviços ofertados nessas empresas. Quando fixou residência em Bagé, Martinez fez uso deste recurso para propagandear a sua *Oficina de Mármore*s. Tal anúncio veiculava um texto provocativo ao marmorista Ângelo Giusti, da cidade de Pelotas, alertando a sociedade de Bagé para a disponibilidade de marmorarias locais competentes, não sendo

necessário recorrer a Pelotas para encomendar esses serviços. Refere-se então a Giusti, que havia sido contratado para executar alguns jazigos no cemitério de Bagé.

A concorrência entre esses escultores pela comercialização dos túmulos foi tão acirrada ao ponto de ser levado a público em jornais de ambas as cidades. Da troca de ofensas pessoais entre Martinez e Giusti, atacando os pendores artísticos um do outro, depreende-se que o que está em jogo é a reserva de mercado que o primeiro procurava garantir na cidade de Bagé.

As empresas, para tentar aumentar as vendas e vencer a concorrência, enviavam catálogos como dispositivos para atrair clientes. Na secretaria do *Cemitério da Santa Casa de Caridade* de Bagé, existe um álbum fotográfico de túmulos da empresa *Lonardi, Teixeira & Cia*³, da cidade de Porto Alegre. Esse álbum, que podemos classificar como o que se conhecia anteriormente como *catálogo*, servia de propaganda de diferentes modelos de túmulos, para as famílias escolherem na hora de mandarem fazer uma sepultura.

Desta forma, percebemos que no Rio Grande do Sul, havia disputa, concorrência, tornando pública a rivalidade entre estes artistas-marmoristas pela execução de jazigos nos cemitérios.

Os artefatos destes jazigos muitas vezes eram copiados desses *catálogos*. Isso pode ser evidenciado nos exemplares tumulares, devido a sua repetição. Os artefatos desses *catálogos* serviram de modelos e/ou inspiração para a elaboração. No catálogo *Statue in Marmo di Carrara*, assim como no álbum *Lonardi, Teixeira e Cia.*, os modelos escultóricos são apresentados por meio de estátuas de anjos, crianças, santos, cruzeiros, dentre outros (Figura 01 e 02). No catálogo italiano, a preocupação era somente com a escultura – o detalhe, exposto para ser comercializado, diferentemente do álbum de Porto Alegre, que visava a apresentar e vender toda a edificação tumular.



Figura 1: *Catálogo Statue in Marmo di Carrara*⁴

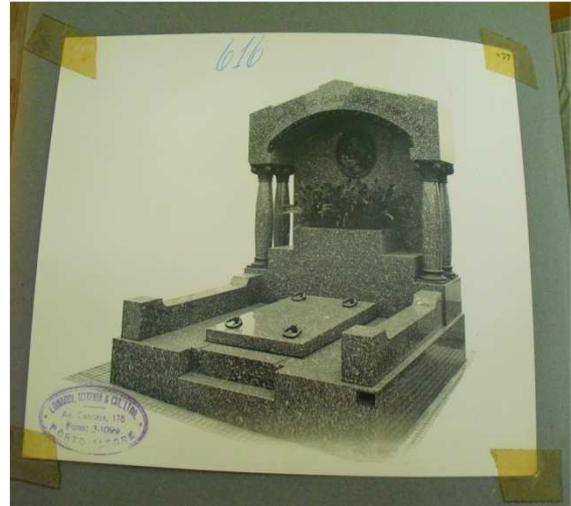


Figura 2: Álbum da Lonardi & Teixeira. Acervo: Arquivos da Funerária da Santa Casa de Caridade de Bagé.

Na *Primeira Divisão*, encontramos túmulos com assinatura de estrangeiros, ao mesmo tempo em que nos deparamos com uma diversidade de assinaturas de empresas das cidades de Pelotas e Porto Alegre. Mas, na época áurea da utilização do mármore de Carrara, entre aproximadamente 1915 e 1940, a grande produção de arte funerária em Bagé ficou a cargo de Martinez.

No início do século vinte, a cidade possuía uma situação econômica privilegiada, devido à atividade charqueadora. Contudo, os registros não apontam a existência, na primeira década do século, de oficinas de mármore e cantarias que executassem e instalassem esculturas tumulares. A atividade laboral de Martinez era ainda pouco explorada localmente, até porque as elites econômicas dessa cidade tinham condições financeiras para encomendar fora a

ornamentação dos seus jazigos: evidenciamos assim a marcante presença de trabalhos de marmoristas da cidade de Pelotas no cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé. Supomos que Martinez tenha constatado a inexistência de uma oficina local, decidindo, assim, estabelecer-se na cidade. Desta forma, Martinez poderia contar com a combinação de alguns fatores de atratividade para seu negócio: uma cidade economicamente próspera e carente de um escultor-marmorista, além da presença de muitos representantes de sua própria origem étnica.

Martinez nasceu em 1868, na Espanha, e faleceu em Bagé, no ano de 1952. Contar a trajetória deste espanhol é trilhar por caminhos vagos, pois são poucas fontes documentais existentes que podem fornecer alguns subsídios. Martinez partiu direto da Espanha para Buenos Aires, seguindo mais tarde para Porto Alegre, onde trabalhou na Casa Aloys. De lá, foi para o Rio de Janeiro e retornou para o Rio Grande do Sul, indo trabalhar na marmoraria de José Santos Sobrinho na cidade de Pelotas. Mas foi em Bagé que ele fixou residência e se estabeleceu por conta própria.

O reconhecimento que Martinez desfrutou na sociedade de Bagé pode ser evidenciado no seu obituário, publicado no

Jornal Correio do Sul, de 27 de novembro de 1952:

Sucumbiu ontem nesta cidade, na idade avançada de 83 anos o Sr. José Martinez Lopes, natural da Espanha e há longos anos aqui residente. Portador de altos dotes de coração e espírito, aliados a reais qualidades intelectuais e morais, o venerado extinto tinha na escultura o seu veículo de realização artística, sendo considerado um dos maiores escultores do Estado, em trabalhos em mármore. É de se destacar que os principais monumentos existentes na necrópole local foram executados pelo desditoso cavalheiro ontem desaparecido... (Correio do Povo, 1952).

A sua passagem pela *Casa Aloys*, em Porto Alegre, foi marcante tanto para sua trajetória pessoal, quanto para a desse estabelecimento. Martinez participou de concursos, conquistando a medalha de ouro, em nome da Casa Aloys, na *Exposição Nacional* de 1908. Tal fato trouxe reconhecimento nacional para a *empresa*. A prova do reconhecimento e gratidão desta pelo trabalho de Martinez pode ser constatada em seu túmulo, onde verificamos que sua lápide mortuária⁵ (Figura 03) foi presenteada pela empresa na qual havia trabalhado por alguns anos, antes de se radicar na cidade de Bagé.



Figura 3: Lápide de José Martinez Lopes. Autoria: Elaine Bastianello, 2007.

Martinez foi o marmorista que produziu maior quantidade de túmulos assinados no cemitério analisado. O gosto da elite desta cidade se identificava com suas esculturas que eram marcadas pela volumetria clássica. As obras esculpidas por Martinez são todas talhadas no mármore de Carrara. O emprego desse material nos cemitérios caracteriza uma época, conforme afirma Carvalho⁶ (2009, p. 99):

Seu aparecimento inicia em torno dos falecimentos de 1890 em diante, porém encontramos sepulturas em mármore cujos falecimentos datavam 1860. O mármore vai ter seu ápice entre 1900-1929. O uso do mármore pode ser verificado em túmulos menores, caracterizado pelo uso de lápides ricamente ornamentadas, cruzes e fotografias ovais dos mortos. Porém a colocação de mármore nestes túmulos pode ser posterior devido a uma maior incidência de túmulos em mármore a partir de 1900, indicando uma moda. Na década de 1930 ainda se fez o uso de esculturas em mármore, porém o uso diminuiu um pouco em preferência ao granito.

Nos quadrantes examinados, é nítida a divisão entre o emprego do mármore e do granito, pois os túmulos mais antigos que apresentam maior riqueza de artefatos são

aqueles confeccionados em Carrara. Já os túmulos que apresentam formas mais lisas são confeccionados no granito e correspondem a construções menos antigas.

Outro elemento tumular que cinge a edificação com valor artístico é a presença da assinatura do escultor. No *Cemitério da Santa Casa de Caridade*, existe uma grande quantidade de túmulos assinados: dos 135 analisados, 51 deles são assinados por marmoristas, sendo que alguns desses túmulos levam a rubrica de escultores estrangeiros atuantes em outros países.

Por exemplo, o jazigo perpétuo de Amado Loreiro de Souza é assinado por um escultor italiano e apresenta a rubrica de Achille Canessa, de Genova/Itália. No cemitério de Staglieno, na Itália, encontramos trabalhos de grandes mestres. Entre eles, está o do italiano Achille Canessa que rubricou a sepultura de Amado Loreiro de Souza no *Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé*.

Doberstein⁷ (2002, p.59) realiza um comentário sobre a presença de escultores estrangeiros no Estado: “até o início do século XX, o estado do Rio Grande do Sul não contava com um número expressivo e concentrado de profissionais em escultura. Os que por aqui se estabeleceram eram casos isolados e excepcionais”. O autor, ao se referir à procedência das esculturas cemiterias, diz que “a maior parte delas era

Artefatos em mármore como suporte de memória

Elaine Maria Tonini Bastianello

importada, principalmente de Portugal e, em menor escala, da França e Itália”. Desta forma, justifica-se a presença da escultura confeccionada na Itália, no túmulo de Amado Loreiro de Souza, do final do século dezenove.

No início século vinte, predominava nas marmorarias o emprego de mão-de-obra formada por estrangeiros e seus descendentes, radicados no Brasil. Isso explica a quantidade de nomes estrangeiros na inscrição de autoria de obras tumulares nesse cemitério. Esse possui diversos monumentos tumulares rubricados por imigrantes que trouxeram na sua bagagem a estética predominante na Europa. Entre eles, podemos destacar a Martinez (Figura 4) e Severo Caruccio, radicados em Bagé; A. Barssanti, J. Santos Sobrinho e Giusti, da cidade de Pelotas; e as empresas *Casa Aloys* e *Lonardi & Teixeira*, de Porto Alegre.



Figura 4: Rubrica de José Martinez Lopes.

Acreditamos que hoje, passados mais de 50 anos da morte de José Martinez Lopes, podemos finalmente dizer que Martinez foi o escultor-marmorista que

legou monumentos funerários mais notáveis e numerosos no cemitério em estudo. Sua produção marmórea constituiu-se em um belo conjunto arquitetônico de grande originalidade, que registra, através dos artefatos, a memória de uma época. Através de seus feitos, resgatamos parte da história da cidade. Registrar seu trabalho significa salvar este escultor do anonimato e esquecimento, pois a sua obra, associada à arquitetura, transcende a sua época. Por meio de nosso estudo, queremos que Martinez deixe de ser um artista sem história, enfim, que deixe de ser um ilustre desconhecido.

Algumas considerações

A partir das assinaturas, concluímos que a classe hegemônica da cidade de Bagé apreciava a estética funerária clássica. Além disso, a técnica desenvolvida por artistas marmoristas como a do espanhol José Martinez Lopes, radicado em Bagé, que dominavam um saber fazer, com total domínio sobre o mármore, acabou se perdendo e aos poucos foi sendo substituída pelo emprego do granito que, por ser um material mais duro, conseqüentemente, simplificou o monumento tumular cemiterial. Assim, perceber este patrimônio cultural, rubricado por Martinez ou por Azzarini, significa salvaguardar uma técnica, um

Artefatos em mármore como suporte de memória

Elaine Maria Tonini Bastianello

registro, um saber-fazer que está praticamente extinta das nossas práticas de sepultamento.

O estudo, ao se debruçar sobre o patrimônio material tumular, revela a importância deste espaço para esta sociedade, pois esta sociedade passa a conhecer e reconhecer o *Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé* como um bem cultural, portador de várias memórias, atribuindo-lhe um novo sentido, já que os monumentos tumulares ali edificadas são o registro de uma época, suporte da história, patrimônio cultural dessa cidade, merecedor de reconhecimento e visibilidade.

Brasil (1890-1930): Ofício de Marmoristas Italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

⁶ CARVALHO, L. F. N. *A Antiguidade Clássica na representação do Feminino: Pranteadoras do cemitério evangélico de Porto Alegre (1890-1930)*. 219f. Dissertação (Mestrado em História, Teoria e Crítica de Arte). Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

⁷ DOBERSTEIN, A. W. *Estatuária, catolicismo e gauchismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

¹ ORSER, C. *Introdução a Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1992.

² Este cemitério é o 5º espaço de enterramento da cidade de Bagé, sendo edificado por ordem da Câmara Municipal no ano de 1858. Localizado no extremo Sul da cidade, ainda é o principal local de sepultamentos da região. Sendo administrado pela Santa Casa de Caridade de Bagé. Ver: BASTIANELLO, E. T. *Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)*. 179f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Programa de Pós Graduação do Instituto de Ciências Humanas, UFPEL, Pelotas, 2010.

³ Apesar de ter um a formatação de um álbum fotográfico, com fotos originais em preto e branco, sua funcionalidade era apenas comercial, correspondendo aos catálogos europeus em voga na época.

⁴ Interessante destacar que o modelo de anjo (Figura 01) não era comum no cemitério em estudo, pois o dorso nu não correspondia à preferência da elite da cidade de Bagé.

⁵ A lápide apresenta um precioso e raro trabalho em riscas de pedra. Esse método consiste em picotear e polir a superfície da pedra, resultando um jogo de contraste entre o claro e o escuro. Sobre risca de pedra, ver: BORGES, M. E. *Arte Funerária no*